

**Esporte para Todos/ Deporto para Todos
Ditadura e propaganda esportiva no Brasil e Argentina (1976-1985)**

Nailze Pereira de Azevedo Pazin, UFSC
nailze@bol.com.br

O trabalho aqui apresentado é uma parte da pesquisa de doutorado em andamento no Curso de Pós- graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Esta pesquisa pretende realizar um estudo comparativo da propaganda esportiva da campanha *Esporte para Todos (EPT)* no Brasil, e da campanha *Deporto para Todos* na Argentina, cujos alvos específicos foram às camadas populares, no período compreendido entre 1976-1985. O recorte principal trará à cena a ação governamental brasileira e a ação governamental Argentina e suas respectivas propagandas esportivas durante os regimes de Ditadura Militar, vividos por estes países neste período. A partir de estudos anteriores, penso que essas campanhas estiveram ligadas ao processo de controle da participação popular, processo esse afinado com o que a palavra *civismo* ganhava naquele momento (de participação passiva, voluntária, ordeira e otimista). Neste encontro apresentarei uma breve discussão como o *argumento* para a necessidade de uma política de esportivização em massa no Brasil e Argentina e a campanha *Esporte para Todos/Deporto para Todos* foram política e historicamente construídas.

Como “movimento”, o *Esporte para Todos (EPT)* surgiu na Noruega no ano de 1967. O idealizador do programa, Per Hauge-Moe com o apoio de empresas privadas lançou uma campanha denominada TRIMM que, utilizando material de marketing, procurava instigar os sedentários à prática da atividade física. Essa mesma campanha procurava unir esporte, publicidade e a participação em massa de atividades esportivas. No Brasil, e na Argentina a campanha esportiva vai ganhar contornos diferentes, mobilizando instituições públicas e privadas.¹

No ano de 1973 em Buenos Aires o *EPT* fez parte das “*Jornadas Internacionais de Estudio sobre el Deporte*”, essa jornada praticamente consolidou o compromisso da América Latina com o *Movimento Esporte para Todos*. É importante lembrar que na década de 1970 a Argentina vivia a euforia de ser a sede da décima primeira edição da *Copa do Mundo de Futebol* a ser realizada em 1978. No entanto, em 24 de março de 1976, uma junta militar, dirigida pelo general Jorge Rafael Videla, deu um golpe de Estado e destituiu do poder a presidente Isabel Perón, dando início, a uma das mais violentas ditaduras da América Latina. Estima-se em 30.000 o número de pessoas mortas ou desaparecidas e entre elas muitos atletas. Apesar de tudo, a Argentina organizou

¹ CAVALCANTE, Kátia Brandão. **Esporte para Todos**. Um discurso ideológico. São Paulo:IBRASA,1984

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

tal evento esportivo lembrando em muitos aspectos a Copa de 1934 na Itália facista.²

Alguns meses antes do mundial de futebol de 1978, argentinos exilados na França junto com franceses criaram um comitê chamado *COBA* (Comité d' Organization pour le Boycotte a la Coupe du Monde em Argentina). O intuito do *COBA* não era apenas boicotar os jogos, mas alertar a opinião pública internacional sobre a grave situação Argentina. Muitos intelectuais foram simpatizantes desse movimento como: Alain Touraine, Jean Paul Sartre, Luis Aragon, Roland Barthes, entre outros e refugiados políticos de toda a América Latina. Militantes da organização peronista *Montoneros* que residiam na Europa neste período, também organizaram manifestações contra a realização da copa do Mundo de Futebol na Argentina em 1978. Eles imprimiram jornais, panfletos e revistas, que eram levados às seleções que iriam disputar o campeonato mundial de futebol.

À medida que a data do campeonato se aproximava, as críticas e denúncias das violações dos direitos humanos vindas do exterior foram aumentando e ganhando força, tanto que no início de 1978, os militares argentinos estavam preocupados com a “campanha antiargentina”. Para melhorar a imagem do país no mundo, o *Ente Argentino Mundial 78* (organismo criado pelo governo para organizar a Copa do Mundo) pagou meio milhão de dólares a uma empresa norte-americana para criar um plano que corrigisse a imagem do país e de seu governo no exterior.³

Marcos Novaro, assinala que a força convocatória do difuso nacionalismo popular combinado com a paixão futebolística, e sua capacidade para definir o sentido do campeonato em tom nacionalista e triunfalista, estava na disposição que muitos tiveram para acreditar na existência da “campanha antiargentina” martelada pelo governo. E segundo, o autor, foi solidamente apoiado pelos meios de comunicação e por seus aliados civis. O longa-metragem dirigido por Sergio Renan *A Festa de Todos*, foi para o autor, supracitado, a expressão máxima desta disposição. O filme que foi um sucesso retumbante de bilheteria, com uma elevada cota de chauvinismo, otimismo e desprezo em relação ao dissenso, encerrava o roteiro com um discurso do historiador Félix Luna:

“Estas multidões delirantes, purificadas, unânimes, são o mais parecido que vi em minha vida com um povo maduro, realizado, vibrando com um sentimento comum (...) e talvez pela primeira vez neste país, sem que a alegria de alguns signifique a tristeza de outros.”⁴

² COGGIOLA, Osvaldo. **Governos Militares na América Latina: a era das ditaduras no Chile, Argentina e Brasil: luta armada e repressão.** São Paulo:Contexto, 2001.

³ NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. **A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: Do Golpe de Estado à Restauração Democrática;** tradução Alexandra de Mello e Silva- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

⁴ Apud. NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. **A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: Do Golpe de Estado à Restauração Democrática;** tradução Alexandra de Mello e Silva- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

No Brasil a propaganda da campanha *Esporte para Todos (EPT)*, soube trabalhar muito bem esse caráter emocionado, festivo e patriótico. Através de suas cartilhas, boletins, revistas, programas de rádio e TV, material didático distribuído gratuitamente nas escolas, entre outros, encarregava-se de produzir desejos e reforçar imagens como: "gente EPT é mais feliz"; "gente EPT participa"; "gente EPT faz sua comunidade feliz"⁵, convidava todos para participar do espetáculo esportivo. Por isso, é importante investigar a parte de sombra que esse espetáculo pode comportar, afinal, segundo Georges Vigarello, o esporte permite sonhar com uma perfeição social, sem levar em conta as cumplicidades obscuras, os desvios financeiros, abandonos sanitários, violências abertas ou mascaradas.⁶

Enquanto na Argentina os militares combatiam com ferocidade qualquer oposição ao regime, no Brasil, a campanha *Esporte para Todos (EPT)* foi implantada naquele que foi considerado o ano-chave do processo de abertura do regime militar (1977). A campanha esportiva afinava-se com o projeto de modernização e racionalização da vida social do governo Geisel; abriam-se novos espaços de sociabilidade, cultura e lazer. Tratava-se naquele momento de dar espaço também, no plano nacional, a uma discussão de âmbito internacional, sobre as perspectivas que envolviam o esporte e a Educação Física, e sua utilização como meio de educar a população.⁷

A Campanha brasileira *Esporte para Todos* contou com a adesão de mais de 2.700 municípios, e utilizou a infra-estrutura do *Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL)* como órgão executor e divulgador da prática das atividades físicas e esportivas no país naquele momento. Estabeleceu parceria também com o então *Departamento de Educação Física e Desporto (DED)*, para organizar e dirigir a campanha para implantação do desporto de massa no Brasil. A campanha *EPT* contou com o apoio das secretarias de educação dos Estados e de alguns municípios importantes; cerca de 9,7 milhões de pessoas participaram nos eventos de massa; 10.458 voluntários esportivos foram mobilizados pela rede MOBRAL para a organização de promoções e competições, como as ruas de lazer e as colônias de férias.⁸ O primeiro material didático para treinamento de recursos humanos intitulado "*Documento Básico da Campanha Esporte Para Todos*", foi editado

⁵ Costa, Lamartine Pereira da & Takahashi, George (orgs). **Fundamentos do Esporte para Todos 1983**. Livro Técnico editado pela Secretaria de Educação Física e Desporto do MEC e destinado à distribuição gratuita aos alunos do ensino superior de Educação Física, e outros profissionais interessados no movimento Esporte para Todos. Rio de Janeiro, 1983, 98ps. Acervo CEFID/UEDESC.

⁶ VIGARELLO, George. O espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. In: COURTINE, Jean-Jacques. **História do Corpo**. Vol.3. As mutações do Olhar. O século XX. Tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

⁷ OLIVEIRA, Marcus A. Taborda de. **Educação Física Escolar e Ditadura Militar no Brasil (1968-1984)**: entre a adesão e a resistência. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

⁸ Biblioteca Educação é Cultura. Rio de Janeiro: Bloch; Brasília: Ministério da Educação e Cultura: Ministério das Minas e Energia, 1980.v.2, Esportes, p. 58.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

pelo MEC em 1977 e distribuído gratuitamente nas escolas. Através desse documento ficava estabelecido que o objetivo geral da campanha era “*o despertar da consciência do povo brasileiro quanto ao lazer esportivo*”⁹.

Apesar de investir mais recursos em educação do que os governos anteriores, a administração Geisel não conseguiu universalizar o então chamado ensino de primeiro grau e implantar em escala suficiente o ensino profissional. Em meio às incertezas sobre os rumos da distensão política, evidenciada pelo tom pessimista que marcou editoriais e artigos da grande imprensa nacional naquele momento, e com o agravamento da crise econômica com taxa de inflação situada em 42%, em fins de 1978, e incrível processo de concentração de renda, o *EPT* produzia um vasto material publicitário, onde o esporte aparecia *como parte da visão otimista do mundo* e valorização da vida saudável.

De acordo com Carlos Fico é na rotina dos atos de poder que reside a força da tradição do otimismo¹⁰ à qual a propaganda governista se vincula. Nesse sentido, é importante pensar a percepção do poder como um processo que não se realiza em via única; será preciso compreendê-lo – em toda sua complexidade – como um fenômeno dos mais importantes para o entendimento de atitudes e representações mentais de uma dada época. Convém, portanto, investigar e entender a forma pela qual o poder pretende aparecer e a maneira pela qual é percebido.¹¹

É importante salientar que o aumento das práticas esportivas na década de 1970 foi um fenômeno que estava acontecendo em vários países do mundo. O esporte vai torna-se um dos mais importantes espetáculos do século XX, por sua efervescência, sua aparente demonstração do progresso. Essa irresistível fascinação que o esporte provoca, sugere uma maneira particular de contar histórias e principalmente uma maneira de transfigurar o ideal em tema sempre mais visível e concreto.¹²

Durante o período de 1968-1973, época do chamado "milagre econômico", certos grupos sociais brasileiros, especialmente setores médios e de elite dos centros urbanos, experimentaram a vitalidade do sentimento de otimismo, para, pouco tempo depois, terem com o mesmo sentimento

⁹ S/autor. Rede Nacional Esporte para Todos. Princípios Básicos. Manual impresso pela equipe técnica da Rede Nacional de Esporte para Todos. Rio de Janeiro. 1979.18ps. Acervo CEFID/UEDESC

¹⁰ Para Carlos Fico os tópicos do "otimismo" brasileiro como; a exuberância natural, a democracia racial, o conagraçamento social, a harmônica integração nacional, a alegria, a cordialidade e a festividade do povo brasileiro, entre outros, foram re-significados pela propaganda militar em vista da nova configuração sócio-econômica que se pretendia inaugurar, assim, como a própria idéia-força do pessimismo .

¹¹FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo**. Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

¹² VIGARELLO, George. *O espetáculo esportivo das arquibancadas às telas*. In: COURTINE, Jean-Jacques. **História do Corpo**. Vol.3. As mutações do Olhar. O século XX. Tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

uma relação de estranhamento e nostalgia.

Foi no governo Geisel, quando já se divisava o fim do milagre econômico, que se retomou a noção de "crise moral" e de um certo "pessimismo" que pairava no país: era preciso "dedicação ao trabalho", "amor à pátria", "dignificação do homem brasileiro", para transmitir a "verdadeira imagem do Brasil.". As campanhas esportivas incitavam a busca por um corpo veloz e saudável, esportivo e, sobretudo "alegre", um ideal a ser conquistado via lazer e pela compra de inúmeros produtos industrializados.

Segundo Vigarello a vontade de fundar a prática sobre uma moral, aquela que constituiria toda a sua especificidade, tem incontornáveis conseqüências: uma tendência ao dogma. O esporte passa a ser um suporte que atrai mensagens; um meio de focalização tanto mais poderoso quando mais difundido. Daí sua permeabilidade acentuada para o político, mesmo que a princípio um certo "apolicismo" esportivo insista em resistir.

A política de comunicação do *EPT* apresentava como eixo-condutor o respeito à ordem moral e espiritual, suas campanhas eram elaboradas visando ao fortalecimento do "caráter nacional", pressupondo como valores brasileiros positivos o "civismo", a "coesão familiar", a "valorização da natureza", o "serviço voluntário à comunidade" e o combate ao pessimismo, entre outros.

Enfim, foi uma *certa idéia de crise moral* que possibilitou a propaganda epetista¹³, destinada à construção de imagens sobre o Brasil. Para a *Assessoria de Relações Públicas (ARP)*, criada em 1974, crise moral e pessimismo se curam com *ampla ação mobilizadora*. Por isso, era necessário dar visibilidade a um projeto esportivo que passasse a ser como nunca a de uma nação que empenhasse vigor e saúde. Nessa perspectiva, a penetração do esporte no tecido social aviva essas imagens patrióticas, seu esbanjamento, seu ludicismo reinventado é o fermento principal dos fervores coletivos de nossos dias.¹⁴

Mas além dessa identificação com a nação, além da exploração claramente política, é necessário entender também o espetáculo esportivo produzido pelo *Esporte para Todos*, no Brasil e *Deporto para Todos* na Argentina; objeto de festa, jubilosa celebração esportiva, mistura de distensão, de efervescência e de mercado.

Foi na década de 1970 que o modelo de corpo "atlético" se reforçava e se diversificava ganhando novos horizontes, além da certeza pedagógica, a massificação das práticas esportivas

¹³ Como se autodenominavam os que estavam envolvidos com a Campanha Esporte para Todos (EPT).

¹⁴ VIGARELLO, George. O espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. In: COURTINE, Jean-Jacques. **História do Corpo**. Vol.3. As mutações do Olhar. O século XX. Tradução e revisão Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

chegava ao seu auge, multiplicando não apenas as práticas, mas, sobretudo os praticantes. O esportista deveria agir visando um ideal: a edificação moral, pois o indivíduo e seu corpo ganham a centralidade dos olhares e principalmente do seu próprio olhar.

Tais práticas foram veiculadas objetivando conter as condições de vulnerabilidade social e o controle de doenças. Mas, também, foram marcadas fortemente pelas questões de gênero ao longo do projeto esportivo tornando-se uma preocupação central, embora, fossem freqüentemente abordadas como um problema de *integração social*.

Ainda nos anos de 1970, os padrões desportivos internacionais ditavam as regras copiadas e/ou reinventadas pelos projetos esportivos, inculcando valores e interferindo na seleção de jogos, enfim, gestos padronizados a serem executados por homens e por mulheres. O voleibol era um esporte mais “apropriado” as mulheres; a ginástica rítmica era de competência exclusiva da mulher, cujos gestos demonstrariam a doçura e a graça feminina. A matroginástica era indicada para as mulheres casadas. O futebol e o Judô no Brasil eram legalmente proibidos de serem praticados em disputas oficiais.

Nesta produção de corpos, o gênero parece ser uma das principais maneiras de construção de subjetividades. Portanto, é importante fazer uma análise das relações de gênero na campanha de massificação de esporte *EPT* no Brasil e *Deporto para Todos* na Argentina, considerando o esporte um campo privilegiado para afirmação do feminino e masculino. Esta proposta é fundamentada na compreensão de gênero, como construções culturais, sociais e históricas, sempre relacional, definindo estratégias de poder, territórios e comportamentos para homens e mulheres.¹⁵

Desta forma, entendo que, se o movimento *EPT* foi importante no contexto de sua atuação, ainda o é na atualidade, porque permite conhecer a produção de diferentes mulheres e homens, seus discursos e suas práticas corporais, forjando e criticando novas formas de cuidar de si. "Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo *como ele de fato foi*. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo."¹⁶ O tempo não se revela de uma só vez, portanto. O passado é uma referência de realidade, sem a qual o presente é pura irreflexão. Assim sendo, pretendo com esta pesquisa contribuir para a reflexão e debate no âmbito da História Cultural levando em conta as motivações menos evidentes na implantação de políticas públicas (em seus conteúdos e métodos) e a produção de diversas pedagogias que tomam por bases preceitos científicos da Educação Física para legitimar projetos de intervenção corporal.

¹⁵ PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: uso da categoria Gênero na pesquisa histórica. **Revista História**. São Paulo: Editora UNESP, 2005, vol.24, p.77-98.

¹⁶ BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. 6. Ed. São Paulo, Brasiliense, 1993, p 224.